

O sketchbook como recurso no estímulo da experiência de criação no ensino da Arte Contemporânea

The sketchbook as a resource to encourage the creative experience in Contemporary Art education.

El cuaderno de bocetos como recurso para fomentar la experiencia creativa en la educación Artística Contemporânea.

Ana Paula de Oliveira Cunico¹
Ricardo de Pellegrin²

1 Graduada em licenciatura pelo curso de Arte Visuais da UNOCHAPECÓ. Atua como professora da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Atualmente está cursando Pós-Graduação em Teatro, Expressividade e Dinamismo no Ambiente Escolar pela Unicesumar. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7648491388536985>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3794-473X>. E-mail: ana.cunico@unochapeco.edu.br

2 Ricardo de Pellegrin, nome artístico Ricardo Garlet - Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unochapecó. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0024620286299693>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7107-0212>. E-mail: pellegrin@unochapeco.edu.br

RESUMO

O artigo busca problematizar o uso do sketchbook como uma ferramenta didática que auxilia e potencializa o desenvolvimento do processo criativo na arte-educação, relacionando-o com a Arte Contemporânea. Ressalta, ainda, a importância do estímulo à criatividade no educando, habilidade importante, não somente para o ensino, como também para a vida contemporânea, buscando desmistificar alguns mitos relacionados à criação. Para tal, trouxemos autores como Charles Watson (2020), John Dewey (2010), Belidson Dias e Rita L. Irwin (2013), Icleia B. Cattani (2007), e outros, com objetivo de fundamentar e justificar metodologias ativas baseadas na experiência prática do educando, bem como a criatividade no ensino da arte. Apresentamos artistas brasileiros e contemporâneos que fazem uso do sketchbook como meio para estimular o pensamento criativo em seu processo poético. Ademais, relatamos experiências particulares com sketchbooks próprios e com a aplicação de aulas.

PALAVRAS-CHAVE

Sketchbook; Processo-Criativo; Arte-Contemporânea; Poiética; Arte-educação.

ABSTRACT

The article seeks to problematize the use of the sketchbook as a didactic tool that helps and enhances the development of the creative process in art education, relating it to Contemporary Art. It also emphasizes the importance of stimulating creativity in students, an important skill, not only for teaching, but also for contemporary life, seeking to demystify some myths related to creation. To this end, we bring authors such as Charles Watson (2020), John Dewey (2010), Belidson Dias and Rita L. Irwin (2013), Icleia B. Cattani (2007), and others, in order to support and justify active methodologies based on practical experience of the learner, as well as creativity in art teaching. We present Brazilian and contemporary artists who use sketchbook as a means to stimulate creative thinking in their poetic process. Furthermore, we report particular experiences with our own sketchbooks and with the application of classes.

KEYWORDS

Sketchbook; Creative process; Contemporary Art; Poetic; Art-Education

RESUMEN

El artículo busca problematizar el uso del cuaderno de bocetos como herramienta didáctica que ayuda y potencia el desarrollo del proceso creativo en la educación artística, relacionándolo con el Arte Contemporáneo. También enfatiza la importancia de estimular la creatividad en los estudiantes, una habilidad importante, no solo para la enseñanza, sino también para la vida contemporánea, buscando desmitificar algunos mitos relacionados con la creación. Para ello, traemos a autores como Charles Watson (2020), John Dewey (2010), Belidson Dias y Rita L. Irwin (2013), Icleia B. Cattani (2007), entre otros, con el fin de apoyar y justificar activos metodologías basadas en la experiencia práctica del alumno, así como en la creatividad en la enseñanza del arte. Presentamos a artistas brasileños y contemporáneos que utilizan el cuaderno de bocetos como medio para estimular el pensamiento creativo en su proceso poético. Además, reportamos experiencias particulares con nuestros propios cuadernos de bocetos y con la aplicación de clases.

PALABRAS CLAVE

Cuaderno de bocetos; Proceso creativo; Arte Contemporâneo; Poético; Educación artística.

Introdução

A criatividade é um tema recorrente na sociedade contemporânea e foco de muitas pesquisas, apesar disso, muitos ainda acreditam que criar é algo para poucos, sendo relacionada, geralmente, a um dom divino, à loucura ou à genialidade irracional inata a algumas pessoas. Contudo, existem vertentes que contrariam essas análises e propõem que a criatividade é passível de ser estimulada em todo e qualquer ser humano. O presente texto explana tais vertentes e levanta estudos acerca da criatividade, afirmando sua importância, com foco no processo criativo poético instigado através do *sketchbook*, dentro do âmbito das Artes Visuais, e com aplicação no contexto do ensino da Arte Contemporânea.

Motivados pelo problema – ‘de qual maneira é possível utilizar o *sketchbook* como estimulador do processo criativo na arte-educação, e assim sensibilizar o educando para com a Arte contemporânea?’ e, considerando que o *sketchbook* é utilizado por muitos artistas desde o princípio da história da arte, além de outros profissionais que trabalham diretamente com criatividade, como designers e ilustradores, defendemos o uso do *sketchbook* como recurso metodológico, que contribui fortemente na provocação de estímulos criativos, potencializando características criadoras nos educandos, o que acarreta o desenvolvimento da sensibilidade do educando para com processos criativos e, conseqüentemente, para com a Arte Contemporânea.

Abordar este assunto em aulas de arte justifica-se ao ponto que, no mundo contemporâneo, cada vez mais emerge a necessidade de saber pensar criativamente, para isso, é necessário estimular as propriedades da criatividade, desenvolvendo processos de criação subjetivos, sendo a arte-educação um dos campos privilegiados para desencadear estes estímulos.

Desenvolvemos uma pesquisa com base em autores como Charles Watson (2010, 2013, 2015, 2016, 2017, 2019, 2020), educador especializado em processo criativo, a docente Me. Isabel P. Kehrwald (2002) e o processo criativo na arte- educação, Rebecca F. Erickson (2015) para contextualizar o *sketchbook*, a autora Icleia B. Cattani (2007) para fundamentação do conceito de mestiçagem na Arte Contemporânea, e o filósofo René Passeron (2004) na contextualização dos termos poética e poiética. Tratamos de metodologias ativas de ensino a partir de autores como Diesel, Baldez e Martins (2017), John Dewey (2010), com o viés sobre experiência, Belidson Dias e Rita L. Irwin (2013) com a a/r/tografia e buscamos, ainda, analisar depoimentos sobre o processo criativo dos artistas brasileiros

contemporâneos Bruno Kurru (2010) e Eduardo Berliner (2010). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e com método indutivo de natureza básica, com base nos procedimentos de revisão de literatura em livros, artigos, vídeos, e conteúdos virtuais, além de uma pesquisa de campo, momento em que observamos o contexto das turmas dos níveis fundamental e infantil, para posterior aplicação das aulas de estágio, caracterizando-os como dados secundários. Com isso, temos como objetivo apresentar o *sketchbook* como instrumento potencializador da

estimulação de propriedades criativas, favorecendo o desenrolar do processo criativo e subjetivo de cada aluno, conseqüentemente, sensibilizando o mesmo para com a Arte Contemporânea, já que esta é fundamentada, principalmente, em processos de criação subjetivos e conceituais. Também pretendemos otimizar a criatividade do educando e conscientizá-lo sobre a importância da mesma em um mundo contemporâneo.

Sketchbook

Sketchbook é uma palavra de origem inglesa, e supomos que não tenha sido traduzida de forma literal para a língua portuguesa. O *Merriam-Webster Dictionary Online* define o termo de maneira simples: “A book filled with paper that is used for drawing” (um livro cheio de papel que é usado para desenhar). Alguns artistas consagrados mantinham sketchbooks, como por exemplo: Leonardo da Vinci, Rembrandt Van Rijn, Francisco de Goya, Paul Cézanne, e Vincent Van Gogh (ERICKSON, 2015). Devemos considerar o fato de que o modo como o *sketchbook* foi usado por estes artistas certamente se difere do modo que artistas contemporâneos utilizam, visto que o próprio conceito de arte, por ser algo vivo, sofreu alterações. Assim, podemos interpretar o *sketchbook*, hoje, de maneira muito mais ampla e significativa, não apenas um livro cheio de papel que é usado para desenhar, mas sim algo que permite uma relação direta e sensível entre o artista e seu processo criativo.

A grande vantagem do *sketchbook* é que ele pode ser interpretado e utilizado livremente por cada indivíduo, não existem regras fixas. Artista, designer, pesquisador, ilustrador, jornalista, escritor ou qualquer outro indivíduo pode fazer uso do *sketch*, pois o mesmo compreende e suporta diversos campos que tenham a exploração visual como foco, ademais, também é portátil, podendo estar sempre ao alcance de seu usuário.

Na Arte Contemporânea, os *sketchbooks* se tornaram ferramentas flexíveis de grande potencial, no amparo e suporte de poéticas e poéticas artísticas, são espaços onde o artista desenvolve seu processo criativo e ensaios de pensamentos, possibilitando a visualização do todo, de diferentes ângulos, o que influencia diretamente na forma de criar, além de servirem como registro de memória, o que, muitas vezes, acarreta por transformar o *sketchbook* de processo em produto final.

O educador especializado em processo criativo, Charles Watson, discursa sobre a importância da ‘visualização’, do ato de ver um pensamento, ou seja, literalmente pensar através de imagens, ao invés de palavras. Ele cita o *sketchbook* como um “pedágio de pensamento, um lugar onde paramos idéias passageiras e cobramos delas” (WATSON. 2010, p. 09), e afirma que o esboço é a primeira iniciativa depois de imaginarmos a ideia, é como transformar o pensamento em algo gráfico, um meio-termo entre mente e mundo.

O ato de registrar um pensamento muda a relação que temos com ele,

tornando evidente algo até então oculto. [...] o criador necessariamente procura seu processo, sendo seu produto uma consequência desse processo e não uma finalidade. [...] O caderno é essencialmente um lugar de processos e eminências, e é esse o seu fascínio. (WATSON. 2010, p. 09).

A autora deste artigo apresenta o seu processo de pesquisa e criação, alicerçado nos *sketchbooks*, na forma de atribuir a estes uma função de “organizadores de pensamento”. Em relação ao uso dos *sketchs*, a autora passou por um processo evolutivo, partindo de um material utilizado ocasionalmente para estudos acadêmicos, de técnicas de desenho ao uso assíduo, não somente destinado às práticas de desenho, e sim como algo próximo a um diário, onde há pensamentos e inquietações, é possível visualizar, organizar, expressar, experimentar e, sobretudo, errar. Ao folhear as páginas de seus diversos cadernos, fica perceptível o processo de autoconhecimento, crescimento pessoal e profissional. A maior parte dos *sketchbooks* foram confeccionados manualmente pela autora, de maneira artesanal, como podemos observar nas figuras abaixo, contribuindo ainda mais para que carreguem não somente conteúdos, mas também um significado pessoal.



Fig. 01, 02. Título: Sketchbooks de Ana Paula, 2020. Sketchbooks confeccionados manualmente com costura artesanal. Fonte: Acervo particular.

Percebendo o papel importante que o *sketchbook* teve em seu próprio processo de criação e pesquisa, a autora notou grande potencialidade e a possibilidade de inserção desse recurso na arte-educação como suporte para o processo criativo. Logo, em suas aulas, após a contextualização sobre o que é um *sketchbook*, propôs a confecção dos mesmos, com materiais diversos e alternativos, a fim de que, deste jeito, pudessem experimentar o fazer artístico na prática, com experimentos que aflorasse o pensamento visual, criativo e subjetivo do educando, de maneira prazerosa e desenvolvendo, desta forma, o gosto por criar.

Nestes experimentos, executados em seus *sketchbooks*, a autora tinha por objetivo explorar habilidades como – ampliar a percepção, despertar a curiosidade

sobre o mundo, instigar a sensibilidade, favorecer a imaginação e a espontaneidade, e outras intenções, como: proporcionar diferentes experiências, criar condições para a diversidade, e, especialmente, transmitir a ideia da importância de um pensamento visual. O fato de cada educando possuir a liberdade de produzir o seu próprio sketchbook, conforme sua personalidade e preferência, fez com que assumisse um papel de independência e autonomia, levando-o a um processo de autoconhecimento. O propósito desta ação foi o de fomentar um sentimento de singularidade e liberdade para com a sua criação. Na Arte Contemporânea, o artista pode criar através da sua subjetividade, muitas vezes, o próprio processo de criar é a real poética de sua obra. Tendo isso em vista, a autora buscou proporcionar ao aluno a experiência de ser artista, em que seu processo de criação, envolvido com seu subjetivo, passa a ser seu produto final, o *sketchbook*.

Entende-se que o desenvolvimento do processo criativo na formação do indivíduo é importante pelo o que contribui tanto para sua humanização, quanto para a compreensão de ser/estar cultural, sendo o ensino da arte um dos campos privilegiados para desencadear estas funções. (KEHRWALD, 2002, p. 48).

A autora e Ma. Isabel P. Kehrwald (2002) discorre sobre o processo criativo e a criatividade como função social. Afirma que ainda hoje é possível perceber a influência do método de ensino tradicional, com o monitoramento do processo criativo e controle do imaginário, em que o estudante se configura apenas como receptor de informações e o professor o transmissor destas, um sistema de memorização e reprodução. O ensino tradicional compreende uma única resposta certa, uma única solução para um problema, um pensamento convergente, entretanto, a autora discursa que a maior ênfase deve se dar ao pensamento divergente, o pensamento que aceita diversas possibilidades, em uma metodologia ativa em que o educando é ponto focal e, para que isso ocorra, nas escolas, é preciso:

[...] permitir-se à curiosidade, a indagação, o desassossego, o prazer da imaginação, a dúvida, a crítica propositiva, a investigação constante, [...] a tecitura de redes de conhecimento e principalmente, buscar saber como nossos alunos e alunas tomam suas decisões e não apenas verificar o resultado destas. (KEHRWALD, 2002, p. 49).

Sobre pensamento convergente e divergente, Charles Watson (2019) corrobora com discurso de Kehrwald quando afirma que pessoas criativas pensam divergentemente, quer dizer, encontram várias respostas possíveis para um único problema. Pensar divergentemente é desconfortável, e este desconforto acompanha todo criador. Para o autor, este é o motivo pelo qual as pessoas assemelham criatividade à arte, necessariamente, pois a grande maioria dos artistas pensam divergentemente.

Para Watson (2019), no Brasil, existe uma grande desvalorização do pensamento criativo nas escolas, e isso nitidamente afeta o desenvolvimento do educando. O sistema educacional brasileiro explora a ênfase verbal e lógica, e deixa de lado o ensino de uma cultura visual. Essa desvalorização do pensamento visual nas escolas

acaba por contribuir fortemente para o pensamento de que criatividade é um dom raro, que poucas pessoas recebem ao nascer, e que o componente curricular 'arte' nas escolas não é necessário, uma vez que prevê-se que o aluno não será um artista. Em discordância, Watson (2020) nos diz que criatividade não tem nada a ver com dom, mas sim com trabalho, dedicação e curiosidade, tem a ver com prática, todo ser humano tem potencial para ser criativo, nem todos usufruem deste potencial, sendo assim, existem formas de explorar e instigar este campo inerente ao ser humano, não ensinando a ser criativo, e sim mostrando o que o impede de ser.

Há escolas espalhadas pelo país nas quais aspectos como abordagem, metodologia e experiência do aprendiz são tão importantes quanto o conteúdo. São escolas onde o aluno pratica a criatividade e não espera por insights. Que mostra que, para chegar à solução de novos problemas, é preciso fazer as perguntas certas. E colocar as ideias no papel sem medo de errar, já que só não erra quem não tenta. (WATSON, 2015, p. 114).

Watson declara que "dar aulas é um ato político, porque promove a reflexão. Para que a pessoa adquira autonomia, é preciso ensinar a pensar, e não o que pensar." (WATSON, 2013, online). A autonomia, segundo os autores Diesel, Baldez e Martins (2017), é um dos objetivos a ser alcançado em metodologias ativas.

Os métodos ativos pregam um sistema educacional em que o aluno desenvolve, com a mediação facilitadora do professor, reflexões e críticas, deixando de ser passivo para tornar-se ativo. Provocar o pensamento crítico, mediar, instigar curiosidades no aluno e notar suas necessidades é o papel do professor.

[...] ensinar a pensar significa não transferir ou transmitir a um outro que recebe de forma passiva, mas o contrário, provocar, desafiar ou ainda promover as condições de construir, refletir, compreender, transformar, sem perder de vista o respeito a autonomia e dignidade deste outro. (DIESEL- MARTINS et al., 2017, p. 278)

Tendo como base o pensamento de Charles Watson, as aulas planejadas pela autora pretendiam abordar uma metodologia ativa, e assim foram, na sua maioria, aulas práticas, em que o aluno se encontrava no centro da ação, não somente como receptor, mas como construtor do conhecimento, valorizando a sua própria carga de saberes.

Além de Watson, a autora também buscou alicerces na ideia da experiência como metodologia, defendida por John Dewey. De acordo com o autor Marcus Cunha (2011), a educação para Dewey é essencialmente uma prática social fundamentada na ação, isto é, na experiência do aluno, sendo que o ideal é um equilíbrio entre o aluno e seus interesses com o professor e seus conteúdos. O educando não é receptor de informação, e sim atuante. Deste modo, a produção prática se torna tão significativa quanto a contextualização ou a leitura de imagens em outras metodologias de ensino da Arte. O ato de fazer, de experimentar algo não convencional, sem preocupar-se com erros ou regras fixas, desencadeia, no aluno, uma experiência significativa, tornando-se algo marcante para o intelecto, por fazer relação com a vida do educando

fora do espaço escolar, já que explora áreas subjetivas tanto quanto as objetivas. Desta maneira, buscamos, pela sensibilização do aluno para com a Arte, não de forma a apreciá-la, mas sim de vivenciá-la, favorecer um processo de criação poética e mais, otimizar o potencial criativo inerente ao aluno.

O conceito de experiência que se encontra imbricado na concepção deweyana de educação constitui o elemento fundamental do método para se aprender de modo inteligente, pois o ato de pensar começa justamente com a experiência. O educando deve ser posto no interior de uma situação que o leve a tentar fazer alguma coisa, o resultado desse esforço fará com que algo novo se acrescente ao aprendiz. O pensamento tem início a partir da interação entre a energia do aluno e o material manipulado. [...] deve-se dar a eles algo “para fazer” e não algo “para aprender”; o que quer dizer colocá-los em ação de maneira que possam refletir sobre as relações envolvidas no objeto de estudo. (DEWEY apud CUNHA, 2011, p. 56).

A metodologia empregada pela autora em sala de aula não tem características definidas e alinhadas como uma receita a ser seguida. No entanto, segue as principais características das metodologias ativas, a exemplo: o foco no educando, a autonomia concedida a estes e a valorização da prática em detrimento do conteúdo teórico. Isso não quer dizer que a teoria não deva aparecer em momento algum ou que não possui importância, ao contrário, consideramos a teoria essencial para uma completa experiência de ensino. Acreditamos que deve ser compartilhada através de dinâmicas em meio à prática, tornando-a mais prazerosa e acessível. Encontramos em John Dewey e em sua abordagem de ensino através da experiência os elementos e fundamentos necessários para desenvolver aulas com base nos princípios de metodologias ativas, todavia, sem seguir uma metodologia específica já existente, e sim experimentando novas possibilidades.

A a/r/tografia também foi utilizada pela autora para desenvolver a sua pesquisa. Configura-se como uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte “‘A/r/t’ é uma metáfora para: *Artist*, *Researcher* (pesquisador) *Teacher* (professor) e ‘GRAFIA’ escrita/ representação” (DIAS, 2013, p. 25), em outras palavras, a a/r/tografia é uma metodologia de pesquisa científica qualitativa que foca não somente no resultado final da pesquisa, mas em todo o processo de construção e amadurecimento da investigação. Este “processo de investigação pode tornar-se tão importante, às vezes até mais importante, quanto a representação dos resultados alcançados.” (IRWIN, 2013, p. 29) O processo e identidade do pesquisador/professor/artista são enfatizados e validados tanto quanto o processo dos investigados, posto que a metodologia explora a compreensão da experiência humana, das artes, e relaciona o que pode não parecer estar relacionado, constituindo-se como uma investigação viva.

Além de abranger as concepções citadas acima, a autora apoiou-se também nas ideias de Arnau e Zabala (2018) sobre ensinar com o objetivo de alcançar “competências” que atuem na formação do aluno de forma integral, em que os conhecimentos gerados no processo do ensino possam contribuir fortemente para a vida de todos os educandos.

O ensino deve ser para todos, independentemente de suas possibilidades profissionais. Formar em todas as capacidades do ser humano, com a finalidade de poder responder aos problemas que a vida apresenta, se converte assim, na finalidade primordial da escola. (ZABALA e ARNAU, 2018, p. 22).

O *sketchbook* se tornou um suporte de práticas, e um local de memórias subjetivas e objetivas para além de um simples caderno de desenho. Abaixo, a figura 05 apresenta o conjunto de *sketchbooks* e evidencia as suas variadas materialidades.

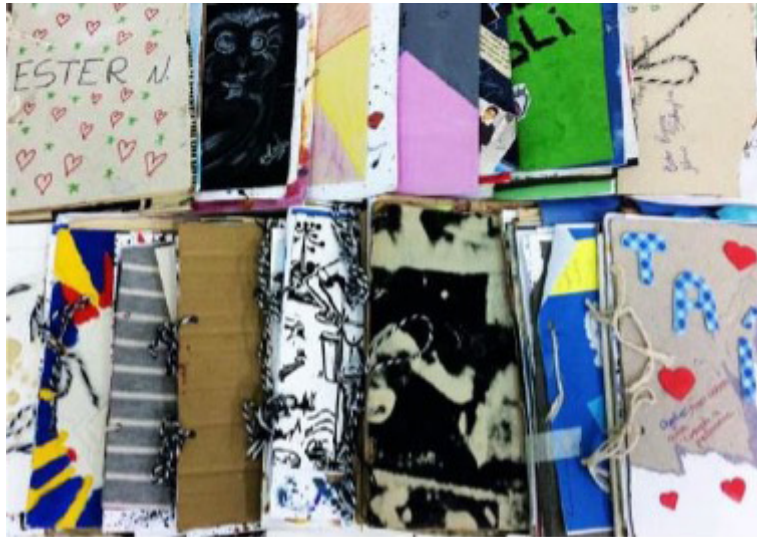


Fig. 05. Título: *Sketchbooks* confeccionados por alunos, 2019. *Sketchbooks* confeccionados manualmente por alunos. Fonte: Acervo particular.

No ensino infantil, as aulas precisaram ser adaptadas ao nível e idade dos alunos. A ludicidade configurou-se como um fator indispensável, por fazer parte integral da vida dos educandos nesta faixa etária, portanto, as atividades desenvolvidas poderiam fazer sentido a ponto de serem significativas, colaborando com os princípios da metodologia ativa e concepções deweyanas. “A experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo da vida” (DEWEY. 1980, p. 89).

O sistema tradicional de ensino, para Cunha (2011), sobre Dewey (1959), com sua metodologia rígida, acaba por inibir os instintos naturais da criança por não serem compatíveis com o padrão externo estabelecido e desejável, reprimindo a espontaneidade e iniciativas dos educandos.

O que as escolas geralmente fazem é dar preferência a métodos de adestramento em que os fins externos sejam impostos às crianças por meio de exercícios mecânicos, assim, procedem como se a mente infantil fosse um espaço vazio à espera de ser preenchido, como se o desenvolvimento humano tivesse um fim a ser alcançado. (DEWEY, 1959, p. 54-55 apud CUNHA, 2011, p.48).

A autora investiu na potencialidade de cada educando, instigando-os a expor, através das atividades, suas ideias, sem o medo de errar. Watson (2015) nos diz que o “[...]erro é um desvio das suas expectativas, e que a criatividade também”. No nosso sistema social, as pessoas que cometem erros são penalizadas e, para Charles (2019), isso não é nada criativo. Ele prefere chamar o erro de evento, porque “[...]tira toda a toxicidade, transformando-o em algo que simplesmente tem que ser respondido sem a conotação emocional negativa que a maior parte dos erros provoca” (2019). Em relação à criança, Watson (2019) atesta que não são criativas, entretanto, que são, sim, espontâneas, não têm medo de errar e pensam divergentemente, fatores fundamentais para a criatividade, porém insuficientes, haja vista que criam ingenuamente, em decorrência da ausência do tempo, este é essencial para a construção de ideias criativas que sejam também reais e aplicáveis. Cabe aqui, ao professor, à família e à comunidade em geral, ter consciência e zelo para não inibir, limitar ou suprimir esses fatores criativos, no entanto, para estimulá-los. Isso será decisivo no desenvolvimento da criança, podendo ela se tornar ou não um adulto que pense criativamente.

No ensino infantil, a autora decidiu organizar apenas um grande *sketchbook* e o intitulou de ‘caderno de artista coletivo’ (figuras 08 e 09), composto por todas as experimentações realizadas pelos alunos durante as aulas, algumas individualmente e outras coletivamente. Aqui, o *sketchbook* tornou-se o produto final de uma experiência significativa vivida pela autora, que se inclui no processo de pesquisa e criação, e pelas vivências das crianças, que despertaram emoções imensuráveis, e é neste ponto onde encontra-se o sentido significativo e poético do ensino e também da arte, às reais experiências.



Fig. 08 e 09. Título: Caderno de artista coletivo, 2020. Livro de atividades confeccionado manualmente por Ana Paula. Fonte: Acervo particular.

Artistas contemporâneos e seus sketchbooks

Existe uma grande variedade de técnicas que podem ser empregadas na

composição da materialidade de um *sketchbook*, seja através do registro com palavras, recortes, desenhos de todos os tipos, rabiscos, rascunhos, fotografias ou colagens, por tamanha flexibilidade, inúmeros artistas contemporâneos fazem uso do *sketchbook*, empregando, nele, características e funções únicas e subjetivas. Eduardo Berliner (1978-), por exemplo, é artista plástico, iniciou sua formação artística em 1998 com cursos ministrados por Charles Watson, dedica-se à pintura e emprega o *sketchbook* em seu processo de criação. Para o artista, o *sketch* se configura como uma ferramenta que o ampara na avaliação de ideias novas ou aquelas em andamento, auxilia na reflexão sobre o seu entorno e o seu próprio “eu”, o que fertiliza, consoante o artista, todas as atividades com as quais se envolve (BERLINER, 2010, p.90). Berliner desenvolve uma prática diária de pintura e desenho em seu atelier e utiliza *sketchbooks* para registrar seus pensamentos, mistura neles desenhos, fotografias, colagens e outros.

Podemos mencionar, igualmente, o artista Bruno Kurru, que aos 35 anos é mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp e integra a AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte). Sua pesquisa poética gira em torno do desenho de forma, que apresenta “[...] um constante raciocínio sobre a ocupação do espaço, que se distingue pela permanente busca de respostas, para o significado da criação enquanto conhecimento de si mesmo” (ALMEIDA e BASSETTO, 2010, p. 60). O artista assegura que seu trabalho não tem um destino, que nunca está acabado, e que o seu processo criativo é como uma conversa consigo mesmo. “Entendo o processo criativo - e aqui entram os *sketchbooks* - como uma discussão comigo mesmo, é o que me faz continuar produzindo. [...] e percebo que isso não tem fim: quanto mais experiente vou ficando, mais intensas serão as discussões” (KURRU, 2010, p. 62). Abaixo, podemos observar uma imagem (fig. 10) de um de seus *sketchbooks*.

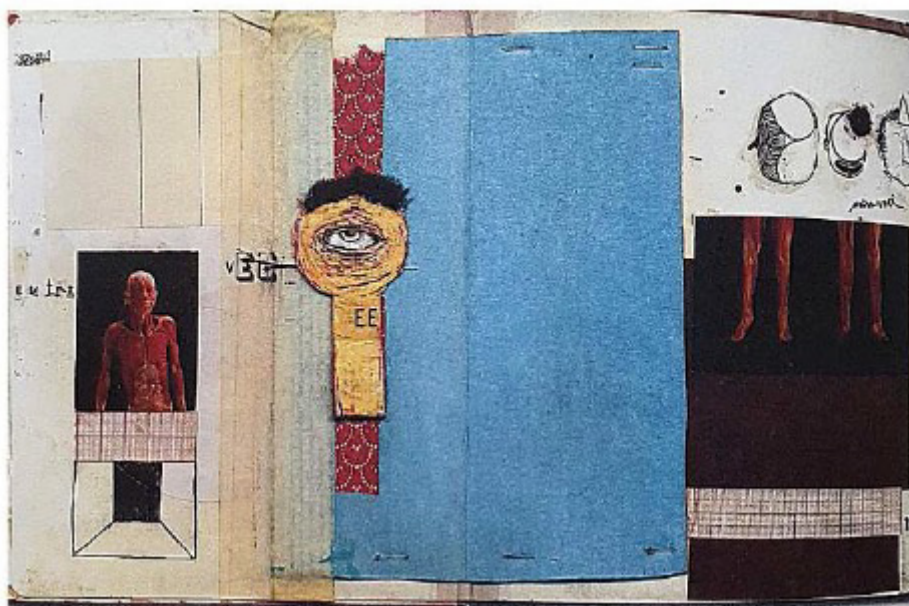


Fig. 10. Título: Fragmento do sketchbook de Bruno Kurru. Imagem retirada do livro: *Sketchbook: As páginas desconhecidas do processo criativo*. ALMEIDA e BASSETTO 2010. Fonte: Acervo particular.

Os artistas mencionados acima possuem em comum, não só o uso do *sketchbook* em seus processos de criação, trabalhos artísticos que discutem o ser subjetivo relacionado com o seu exterior, também a mistura de materiais e técnicas, e a constante mutação e movimento de sentidos, o que os caracteriza como adeptos ao movimento da Arte Contemporânea, e justapõem sobre o conceito de mestiçagem. As obras apresentam cruzamentos nas poéticas, isto é, na sua materialidade física, e na sua poética, na concepção da ideia criativa.

A multiplicidade de processos criativos toma a frente na contemporaneidade. Diferentemente de toda a história da arte, os artistas contemporâneos podem desenvolver e evidenciar trajetórias individuais inclinando-se às suas poéticas, questões pessoais e valorizando processos subjetivos, passam a olhar para si mesmo, discutindo diversos temas que conversam com o meio e contexto em que vivem, atingindo na sociedade como um todo e desenrolando um conjunto amplo, que se assemelha por suas diferenças.

A construção de um processo criativo, no qual o *sketchbook* encontra-se como suporte e meio, dentro das artes visuais, encaixa-se na Arte Contemporânea, junto ao conceito de mestiçagem, versado pela autora Icleia Borsa Cattani (2007), não como obra efetuada, como experiência significativa e como processo subjetivo, que estão em constante movimento, ocorrem construções e desconstruções de ideias, e cruzamentos de elementos que carregam consigo diferentes sentidos, que não se misturam ao ponto de formarem uma única peça, assim, todos os sentidos podem ser percebidos em sua particularidade.

A produção artística contemporânea, na visão da autora Icleia Borsa Cattani (2007), configura-se de maneira ampla, diferentes interseções e experiências são possíveis e válidas, seja nas linguagens utilizadas pelos artistas, seus conceitos e até mesmo o material escolhido para a prática, a contemporaneidade aceita a coexistência de diferentes elementos que sejam opostos entre si, produzindo novos sentidos entre linguagens, procedimentos e processos criativos, o que era antes unicidade torna-se agora mestiçagem de múltiplos sentidos.

Esta mestiçagem, segundo Cattani, diz respeito aos cruzamentos em obras e processos artísticos contemporâneos, contudo, não qualquer cruzamento, mas aqueles que “[...] acolhem sentidos múltiplos, permanecendo em tensão na obra a partir de um princípio de agregação, que não visa fundi-los numa totalidade única, mas mantê-los em constante pulsação” (2007, p. 11). Essa característica nem sempre se encontra na poética da obra acabada, todavia, por vezes, nas poéticas do artista. A diferença entre os termos se dá a partir do conceito desenvolvido por René Passeron (2004), que atribuiu à ‘poética’ um sentido relacionado ao modo como o indivíduo se expressa a partir de sua sensibilidade, envolvendo tudo o que constitui a obra desde o seu princípio. Cattani (2007), sobre Passeron (1989), aduz que “[...] É a obra na sua integralidade enquanto corpo no mundo com sua autonomia relativa” (CATTANI, 2007, p. 13). Já a poética configura-se como ciência e filosofia das condutas criadoras, é o processo interno, prévio e contínuo que ocorre no criador ao racionalizar sobre o seu processo poético e de criação. O princípio da consciência de toda a criação.

A poiética, não é a criação. É o pensamento possível da criação. Ela trata de elucidar, tanto quanto é possível fazê-lo, [...]. Dizemos que é, simultaneamente, ciência e filosofia da criação. [...]. Como 'instauração filosófica', a poiética será o que fizermos dela, nos limites de seu alcance, com a certeza ambiciosa de chegar a alguma verdade em um domínio reputado obscuro. Por mais que se concretize, a poiética é, ela própria, uma obra cuja dificuldade é epistemológica. É uma obra que pretende falar da instauração das obras. Ela se instaura como consciência de toda instauração. (PASSERON, 2004, p. 10)

O *sketchbook* apresenta-se no campo da arte e da mestiçagem Contemporânea como detentor de um papel primordial e íntimo no processo de criação, daquele que decide adotá-lo, por carregar toda esta pluralidade à qual a autora Cattani (2007) se refere, atribuir, em meio à sua materialidade, múltiplos cruzamentos de sentidos e processos, seja no campo poético ou poiético, subjetivo ou objetivo, sem a imposição de uma única maneira correta de manuseá-lo ou empregá-lo, o autor é livre para decidir qual significado lhe conferir. É inclusivo, e não apresenta um ponto central e homogêneo, acolhe diversidades e permite conexões. Por fim, podemos atestar que o *sketchbook* pode tornar-se o próprio autor, fora de si para o mundo.

Considerações Finais

O estímulo ao processo criativo, poético, tem sido negligenciado pelo sistema tradicional de ensino. Com isso, o aluno não é encorajado a criar, é encorajado a seguir instruções rígidas para adequar-se ao sistema da sociedade. Os autores apresentados nos mostram o quanto isso tem sido prejudicial para o aluno, e todo o desenvolvimento da sociedade em si, e mostram possíveis caminhos a seguir. Sugerimos, a partir disso, e com base na Arte Contemporânea, o *sketchbook* como uma possibilidade de mudar esta realidade, por se configurar como um espaço de liberdade, em que o erro é permitido e a subjetividade é valorizada.

Estimular o pensamento criativo em si próprio é algo que se torna cada vez mais necessário no mundo contemporâneo, tudo está em constante evolução, estagnar é algo perigoso. Para tanto, escolas precisam considerar abordagens metodológicas que visem preparar educandos para tal realidade, é preciso desprender-se do passado, vivenciar o presente de forma a extrair ao máximo experiências significativas, ao ponto de se tornarem conhecimento prático e real.

A partir da reflexão dos conceitos apresentados concluímos que o *sketchbook* tem potencial, tanto no âmbito do ensino quanto no âmbito artístico, além de possibilitar uma interação entre os dois campos em uma metodologia ativa que permite que o aluno experimente um processo de criação da Arte Contemporânea, uma vez que o *sketchbook* é capaz de amparar o desenvolvimento do pensamento visual e criativo, dando espaço para expor questões subjetivas do autor para, então, confrontá-las com questões objetivas do mundo contemporâneo, sem compromissos ou julgamentos, desenrolando reflexões importantes no próprio autor, que farão toda

a diferença na criação e personalidade do mesmo.

Referências

ALMEIDA, Cezar e BASSETTO, Roger. **Sketchbooks**. As páginas desconhecidas do processo criativo. São Paulo: Ipsis, 2010.

ARQSC. **O processo criativo por Charles Watson**. 2014. (8m55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7JHBROYQMQ> acesso em: 06 de junho de 2020.

BERLINER, Eduardo. Direto da FFWMAG 42: **leia a entrevista exclusiva com o artista Eduardo Berliner**. [Entrevista concedida a] Waldick Jatobá. FFW, 10 nov. 2016. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/lifestyle/cultura/direto-da-ffwmag-42-leia-entrevista-exclusiva-com-o-artista-eduardo-berliner/> Acesso em: 22 jun. 2020

BERLINER, Eduardo. Eduardo Berliner. In: ALMEIDA, Cezar e BASSETTO, Roger. **Sketchbooks**. As páginas desconhecidas do processo criativo. São Paulo: Ipsis, 2010. p.90 - 99.

CANAL PHILOS. **Como se manter criativo?** Por Charles Watson | Philos TV. 2016. (3m21s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LSuoG8tATK0>. Acesso em: 06 de junho de 2020.

CANAL PHILOS. **Dicas para ser criativo, por Charles Watson** | Philos TV. 2017. (5m10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86GHNtPWs38>. Acesso em: 06 de junho de 2020.

CATTANI, Icleia Borsa. (Org.) **Mestiçagens**: na Arte Contemporânea. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **John Dewey**: uma filosofia para educadores em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita, L.(organizadores). **Pesquisa educacional baseada em Arte**: a/r/tografia/. Ed. da UFSM. Santa Maria: Editoraufsm. 2013.

DIESEL, Aline. BALDEZ, Alda L. S. MARTINS, Silvana N. **Os princípios das metodologias ativas de ensino**: uma abordagem teórica. Revista Thema, Lageado/ RS, V. 14 nº 1, 2017.

ERICKSON, Rebeca F. **Sketchbook**: possibilidades pedagógicas. 2015. Trabalho de conclusão de curso II (Graduação em licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FIRJAN. **Desempenho criativo Otimizado, com Charles Watson** | Casa Firjan. 2019.

(2h59m12s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnWEySnaF9Y> Acesso em 07 de junho de 2020.

FIRJAN. **Desempenho criativo Otimizado**, com Charles Watson | Casa Firjan. 2019. (4m17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8lLbmV1e_kk. Acesso em 07 de junho de 2020. PREMIO PIPA. Bruno Kurru. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/bruno-kurru/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

KEHRWALD, Isabel Petry. Música Educação Semiótica Literatura Artes Visuais Artes Cênicas. Revista da FUNDARTE, Montenegro, v. II, n.4, p.48, Jul/Dez 2002).

KURRU, Bruno. Bruno Kurru. In: ALMEIDA, Cezar e BASSETTO, Roger. *Sketchbooks As páginas desconhecidas do processo criativo*. São Paulo: Ipsis, 2010. p.60 - 69.

MATRIOSKAFILMES. **Outros goles, o mesmo chá**. 2013. (5m54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXtB2Cj0kJw#action=share>

MATRIOSKAFILMES. **Um chá com Charles**. 2013. (06m18s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VtMRMSF2H_8#action=shareTVBRASIL.

TVBRASIL. **Charles Watson** - A arte pelo prisma da ciência. 2015. (26m20s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xlh5hRWIKJU&t=1s> Acesso em: 06 de junho de 2020.

PASSERON, René. **A poiética em questão**. Revista Porto Alegre, Porto Alegre, N.2, V.1, Jul/nov. 2004.

PREMIO PIPA. Eduardo Berliner. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/artistas/eduardo-berliner/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

WATSON, Charles. **Para o pesquisador Charles Watson, ensinar é um ato político**. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/educacao/para-o-educador-charles-watsonensinar-e-um-ato-politico,f793f62541ac0410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> (Acesso em 06/06/2020)

WATSON, Charles. **Criatividade não tem nada a ver com dom**. [Entrevista cedida a] Diego Benevides. DIARIODONORDESTE. Fortaleza. v.2. n.3. Outubro 2016.

WATSON, Charles. Pedágio de pensamento. In: ALMEIDA, Cezar e BASSETTO, Roger.

Sketchbooks. As páginas desconhecidas do processo criativo. São Paulo: Ipsis, 2010.

ZAMBALA, Antoni. ARNAU. Laia. O termo competência surge como resposta às limitações do ensino tradicional. In: ZAMBALA, Antoni. ARNAU. Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 18 - 24.

ZIPPER GALERIA. Bruno Kurru. Disponível em: <https://www.zippergaleria.com.br/pt/artistas/bruno-kurru/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Submissão: **25/07/21**

Aceitação: **13/09/21**